

UNIVERSIDADE LUSOFONA DO PORTO – LIÇÃO DE SAPIÊNCIA
POR OCASIÃO DO III ANIVERSÁRIO DA INSTITUIÇÃO

Eminência Professor Doutor Manuel de Almeida Damásio
Senhor Dr. Luís Carlos Pinto
Magnífico Reitor, Professor Doutor Fernando dos Santos Neves
Minhas Senhoras Meus Senhores

Caros Colegas

Seria ingrata nesta ocasião, tentar equivaler em texto o meu sentimento. Pela solenidade desta jornada e a associação benévola de proclamar nesta ocasião a entrada oficial em vigor do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa na Universidade Lusófona do Porto. Seja pois permitido que me resuma expressando a honra que sinto e a elevada gratidão pelo Vosso convite a usar da palavra e abordar, por minha livre escolha a **“CPLP e os paradigmas de desenvolvimento dos países africanos de língua portuguesa”**.

Eu descobri a CPLP (ou terá sido a CPLP que me descobriu) a pouco mais de três anos. Em Bissau, mergulhado no vazio de uma agitação que persiste em retóricas políticas sem muito sentido, o ano de 2005 quase se despedia quando chegou o convite em forma de um despacho ministerial me indigitando para a preparação da VI Cimeira dos Chefes de Estado e de Governo da CPLP, marcada para Julho do ano seguinte. Volvidas muitas disputas, muitos desafios vencidos, muitas frustrações acumuladas, muita aprendizagem, a descoberta da imensidão do caminho que ainda há a percorrer e a benevolente celebração do evento que se concretizou, aqui estou eu, na qualidade de Secretário Executivo, assumindo o propósito de representar a organização. Entendido então o facto de trazer mais dúvidas que certezas, mas seguro, podem crer da minha adesão à letra da Declaração Constitutiva da CPLP, ao mesmo tempo que confiante no espírito solidário e de cooperação, que anima os nossos respectivos povos.

A CPLP é a afirmação positiva dos povos e nações que se intersectam pela língua oficial portuguesa como resultado de séculos de convivência e partilha e que validam o seu interesse em prosseguir juntos a procura incessante do bem-estar dos seus povos, através da partilha solidária, da concertação política e diplomática e da cooperação nos mais diversos domínios. Na verdade, a CPLP assenta o princípio da sua existência e consolidação no aproveitamento das potencialidades e o vasto manancial de riquezas da diversidade dos seus Estados Membros.

A CPLP subscreve e assume a observância e promoção dos direitos universais da pessoa humana tais como os valores perenes da paz, da



democracia e do Estado de Direito, dos direitos humanos, do desenvolvimento e da justiça social. Esta é então assegurada através da liberdade de expressão, o pluralismo dos meios de comunicação social, a igualdade de acesso às expressões artísticas e culturais e ao saber científico e tecnológico.

O marco embrionário para a formação deste sentimento comunitário tem-se afigurado no entanto volátil e de difícil precisão.

É sobejamente conhecido o contributo do Embaixador José Aparecido de Oliveira, apresentado por Lauro Moreira, como “um dos arautos dessa nova ideologia e reconhecido inspirador, mentor e executor do projecto de criação da CPLP”. Curiosamente, o próprio Embaixador, hoje saudoso já alertava para o facto de que “a própria ideia é tão velha como a nossa língua”. Assumindo que a procura deve começar com o evento da descolonização, encontramos as figuras de Darcy Ribeiro e Agostinho da Silva a fundarem o Instituto Brasileiro de Estudos Afro-Asiáticos.

Em 1977, o grupo dos Países Africanos de Língua Portuguesa, viria a estabelecer o primeiro fórum de concertação política e diplomática tendo o português como veículo de comunicação.

Seguramente, diligências de parte e de outra e os debates organizados com a participação de políticos e intelectuais de todos os países permitiu a elaboração de consensos que acabariam por desembocar na Declaração Constitutiva da CPLP de 17 de Julho de 1996, assinada em Lisboa pelos Chefes de Estado e de Governo dos então sete países de Língua Portuguesa. A resistência timorense assistiu a cimeira então como Observador e Timor-Leste aderiu mais tarde, logo após a sua independência.

A Lusofonia foi se desenvolvendo e se consolidando sendo na actualidade, creio eu, um termo que obedece ao princípio da globalização e interdisciplinaridade onde se almeja afirmar uma identidade comunitária, para além da questão linguística.

Apesar da afirmação de igualdade em direito não se pode ignorar a elevada desproporcionalidade de meios e heterogeneidade económica e geográfica entre os Estados membros desta comunidade e o que representam no espectro:

1. Demograficamente, a população dos nossos países varia desde pouco mais de uma centena de milhar até mais de uma centena de milhões;
2. Total descontinuidade de territórios – Localização em quatro continentes diferentes;



3. Realidades económicas regionais muito díspares;

É assim a defesa da diversidade e o diálogo intercultural que se constituem no fundamento central para assegurar um tratamento igualitário pelo menos em direito entre todos os Estados Membros.

Os Estados membros da CPLP, fruto dos laços consolidados pela nossa comunidade, tornaram-se canais de comunicação privilegiados entre regiões e sub-regiões à escala planetária. Os Estados membros da CPLP juntos, tornam-se mais forte no plano internacional, uma vez que a nossa voz multilateral faz-se ouvir com mais impacto. Junto, Portugal deve representar o canal preferencial de ligação à Europa assim como o Brasil para o Mercosul, Angola e Moçambique para a SADC, Guiné para UEMOA, etc... Juntos, reclamamos ser mais de 260 milhões de falantes; a 7ª mais falada no mundo; e portanto uma força impossível de ignorar.

É no entanto inquestionável, o papel estratégico especial que se reserva a Portugal e ao Brasil. Em Portugal nasceu a língua que nos une, daqui partiram as caravelas que proporcionaram os encontros de culturas e civilizações e de que resultaram os traços culturais e afectivos que nos ligam. Da mesma forma, todos os Estados-membros da CPLP reconhecem, também, o papel central do Brasil enquanto alavanca da Lusofonia. Não só pela história comum, não só por ser o país com um maior número de falantes, não só por se avizinhar como uma potência económica global, mas por tudo isto e porque é notório ser a CPLP é uma das suas prioridades da política externa.

Os Estados Africanos, esses ainda apresentam indicadores de desenvolvimento humano e económicos muito frágeis, não só passíveis de comprometer a progressão em equipa como eventualmente em se constituir como um verdadeiro obstáculo ao desenvolvimento para os demais. Só uma análise mais aturada das causas e mecanismos de abordagem para ultrapassar essas barreiras podem permitir uma saída aceitável. Quais afinal os paradigmas?

I. Afirmação do Estado. Um Estado democrático e plural.

O modelo Europeu Ocidental do Estado e a observância dos princípios democráticos são sem sombra de dúvidas as referências mais universais da organização da sociedade humana contemporânea. A tentativa de adaptar e utilizar esse modelo mais que aceitável é amplamente recomendável. Contudo, o elemento identitário tem de se fazer presente para não nos transformarmos em meros objectos da história; Temos de partir de nós próprios para chegarmos a nós próprios, dizia Joseph Ki Zerbo.



- II. A língua – O português é a nossa língua. Temos de a assumir, temos de a interiorizar e temos dela servir para chegar ao mundo da ciência, das tecnologias e das culturas universais.

Mas a promoção do Português não deve significar nem assentar-se na asfixia ou decadência das línguas africanas. Seria dramático e com isso a perda irreparável de uma identidade e de toda a carga cultural a elas associadas. Antes pelo contrário, o Português contemporâneo deve representar o encontro de todas as culturas que se intersectam para definir a nossa lusofonia em construção – cada vez mais rico e diversificado, cada vez mais sustentado. Há que promover a aprendizagem do português como uma mais valia no mundo do trabalho e facilitadora de acessos a novos mercados e novas oportunidades de negócio (valor económico da língua).

- III. «Historia magistra vitae» - história é mestra de vida – disciplina formadora do espírito, porque nos ensina a raciocinar logicamente e, para lá da ciência, pela consciência.

A História anda sobre dois pés, o da liberdade e o da necessidade. Se considerarmos a História na sua duração e na sua totalidade, compreendemos que há simultaneamente continuidade e ruptura sendo os dois necessários para formar o nosso espírito. Ora, infelizmente ainda são múltiplos os momentos em que o africano continua se orientando por dogmas e crenças cuja origem e fundamento desconhece integralmente. “Impõe-se não só virar a página mas mudar de dicionário”.

- IV. Educação – A educação sob todas as suas formas (Amartya Sen – Nobel da Economia) aumenta a produtividade, que, por sua vez contribui para a expansão económica, articulando o crescimento económico e o desenvolvimento humano sustentável. Os Estados Africanos são muitas vezes impelidos a menosprezar a educação perante outras prioridades. Derek Bok (Presidente da Universidade de Harvard 1971-1991) afirmou a esse propósito – “if you think education is expensive, try ignorance”.

Desenvolvimento é o processo de expansão das liberdades humanas reais. “Assim como no que diz respeito à acumulação do capital, há uma evolução da abordagem predominantemente material para a abordagem essencialmente qualitativa da produtividade dos seres humanos, também no processo de desenvolvimento deve haver um deslocamento da ênfase do capital humano para a capacidade humana, conceito que incorpora a expansão das liberdades enquanto resultado e factor da transformação social” (Amartya Sen).



A perspectiva do desenvolvimento como processo de expansão das liberdades humanas reais e formais, de Amartya Sen, é central no relacionamento da universidade com a identidade e o progresso no contexto dos nossos Estados.

Eis os que escolhi como elementos estruturantes da nossa comunidade e que representam factores determinantes do novo paradigma para o desenvolvimento dos Estados Africanos.

Eis porque apresento esta também como uma nota de felicitações pelo dia desta instituição; celebramos a excelência académica e à clareza da Vossa dedicação pela causa do desenvolvimento dos países e povos lusófonos. Os nossos parabéns a todos os docentes, a todos os funcionários desta casa, um abraço particular ao Senhor Presidente da Direcção da Entidade Instituidora, ao Magnífico Reitor, e ainda ao nosso muito querido Dr. Esmeraldo de Azevedo, pela atenção que nos tem dedicado e por aquilo que representa para a nossa comunidade.

Parabéns e muito obrigado a todos.

